

COBERTURA MEDIÁTICA DE CONFLITOS

# África deve ser mais proactiva

**AS elites africanas, com destaque para os políticos e organizações da sociedade civil, devem exercer cada vez mais pressão junto dos órgãos de comunicação social ocidentais de modo a que estes passem a dedicar mais espaço às informações sobre conflitos no continente.**



Virgil Hawkins (de casaco) dirigindo-se ao auditório

A posição foi manifestada ontem, no Maputo, pelo Professor Virgil Hawkins, pesquisador da área da comunicação social, durante a palestra que proferiu na Universidade Eduardo Mondlane subordinada ao tema "A cobertura mediática dos conflitos em África", iniciativa também do Conselho Superior de Comunicação Social (CSGS).

Para este académico, cinco factores influenciam sobremaneira para que os órgãos de comunicação ocidentais abdicarem de

insrer matérias sobre conflitos em África nas suas edições.

"O primeiro factor é o chamado interesse político. Efectivamente, nos países ocidentais, particularmente os Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Alemanha ou Japão, o interesse político nacional é determinante para a publicação ou não de uma matéria. Como exemplo disso podemos citar um estudo realizado em 2007, onde foram analisados cinco órgãos de informação ocidentais, nomeadamente BBC (Inglaterra), CNN (Estados Unidos);

"Le Monde" (França) e um jornal japonês. Aqui verificámos que durante um ano as notícias sobre conflitos em África ocupavam, respectivamente, nove por cento na BBC; seis na CNN; sete no "Le Monde" e abaixo de dois por cento no jornal japonês", disse, acrescentando que o interesse político de ver matérias sobre o conflito na República Democrática do Congo ou do Sudão variava de país para país mas que no geral ele era muito baixo.

Outro aspecto que, segundo Virgil Hawkins, é determinante

para a publicação ou não de matérias sobre conflitos africanos, tem a ver com a proximidade, quer social quer geográfica. Segundo explicou, os leitores e telespectadores dos países ocidentais sentem-se mais próximos do médio oriente do que de África, porque muitas vezes identificam-se com os assuntos ali vividos.

"Um cidadão britânico identifica-se, por exemplo, com o que acontece nos Estados Unidos. Por exemplo, no que respeita aos atentados de 11 de Setembro, os

ocidentais acompanharam esta situação porque também têm escritórios em arranha-céus ou andaram de avião no dia anterior..."

O terceiro aspecto que relega os acontecimentos em África

para um plano secundário na comunicação social ocidental tem, segundo a nossa fonte, a ver com o acesso à própria informação. "A maioria dos grandes órgãos de comunicação ocidentais tem delegações, por exemplo, em Israel.

Neste caso, quando acontece algo, o correspondente pega no carro e em menos de meia hora está no local dos acontecimentos e relata o assunto em directo. Agora, quando se verifica um caso na Somália, normalmente o correspondente desse órgão está no Cairo, tem de apanhar um avião para a Somália e quando chega, muitas vezes, tem de levar horas para chegar ao local dos acontecimentos ou tem de apanhar um voo doméstico para lá chegar. Nestas condições, a reportagem é feita com dias de atraso, o que deixa de ser actual".

De acordo com o pesquisador, esta situação mostra-se contrária àquilo que deveria ser a lógica do relato jornalístico dos acontecimentos no mundo, tendo em conta a dimensão de cada conflito.

Segundo afirmou, o impacto social e político dos conflitos em África é muito mais grave do que aqueles que ocorrem no resto do mundo, incluindo no médio oriente.

Para melhor ilustrar a plateia que o ouvia, Virgil Hawkins afirmou que desde o fim da guerra fria (principios dos anos 1990) o conflito da República Democrática do Congo fez mais de 5,5 milhões de mortos, entre vítimas directas da guerra, doenças ou malnutrição, enquanto o conflito israelo-palestino fez, no mesmo período pouco, mais de cinco mil mortos.

Referiu, por outro lado, que dentro do Continente Africano,

o interesse político dos países ocidentais é determinante na cobertura jornalística dos conflitos.

"Analisemos a situação no Zimbabwe e na Somália. O conflito no Zimbabwe foi muito mais mediático que o da Somália, apesar do impacto social e económico do segundo em relação ao primeiro", sublinhou.

Segundo o orador, tal situação também se verifica a nível dos países africanos. "Estivemos há pouco tempo na Zâmbia, um país da África Austral rodeado por oito países, incluindo Moçambique. Contudo, o jornal de maior circulação daquele país versa mais sobre o que acontece nos países ocidentais, seguido dos acontecimentos no Médio Oriente e só depois é que dedica, em menor dimensão, espaço para o noticiário dos países vizinhos", disse.

## Inverter a situação

PARA se inverter esta situação, Virgil Hawkins é de opinião que as elites africanas devem trabalhar no sentido de ajudar a mudar a mentalidade dos editores ocidentais no que respeita ao tratamento da informação sobre conflitos em África.

É que, segundo ele, a comunicação social goza de um grande prestígio na opinião pública. Aliás, ela, muitas vezes, influencia a própria opinião pública, daí que poderia dar o seu contributo para resolução de tais conflitos.

Por outro lado, Hawkins defende que os editores africanos deveriam interagir cada vez mais com os seus colegas do Ocidente com vista a influenciá-los, através de cartas e outros meios, para inserirem cada vez mais informações sobre África nos seus periódicos.

Ele lamentou o facto de os órgãos de comunicação social em África depararem-se ainda com inúmeras dificuldades, o que faz com que estes sejam dependentes. "Infelizmente, os órgãos de comunicação social africanos

ainda não têm condições de, por exemplo, enviar uma equipa de reportagem para cobrir o conflito no Congo".

Como que a ilustrar o "poder das medias", a fonte referiu que mesmo durante a realização de um processo eleitoral, se os órgãos de comunicação social decidirem debruçar-se sobre a questão da pobreza durante algum tempo, os cidadãos vão relegar para o segundo plano a questão eleitoral e falar dos problemas da pobreza.

## Internet gerou expectativas

PARA o professor Hawkins, com a chegada da internet, gerou-se uma expectativa segundo a qual a informação internacional haveria de circular e fluir com mais frequência em todo o mundo. Porém, tal não aconteceu porque a maior parte da informação que circula na internet é de carácter local e não internacional.

Por outro lado, verificamos com o andar do tempo que o repórter convencional, aquele que trabalha num órgão de informação, quer no jornal, na rádio ou na televisão, continua a ter maior

credibilidade junto do público em relação ao indivíduo que põe informações a circular na internet, através de blogs ou outro instrumento qualquer", explicou.

Exemplo disso, de acordo com o orador, foi o desencadeamento da chamada "primavera árabe", em que a internet serviu para despertar sentimentos de cidadãos de um país ou cidade.

"Os jornais, as rádios e televisões continuam a ser os instrumentos de total credibilidade junto do público. Aliás, com as novas tecnologias, a

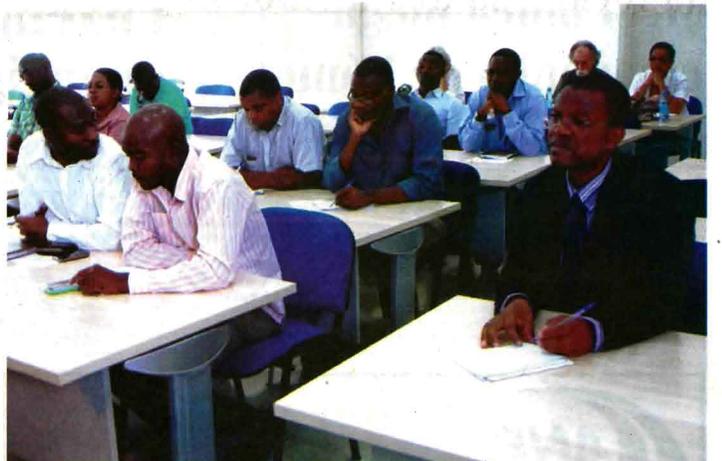
Rádio e a Televisão transmitem os acontecimentos em directo e os ouvintes e telespectadores têm o privilégio de acompanhar os acontecimentos na hora que eles ocorrem", sublinhou.

Segundo ele, a Internet tem a vantagem de facultar informação detalhada sobre os lugares, países, acontecimentos e outras coisas que acontecem no mundo, o que vai permitir que os cidadãos dos países ocidentais saibam mais sobre África.

"Para além de ser um veículo de informação a internet está a

mostrar-se um veículo de formação, por excelência", enfatizou o palestrante.

Virgil Hawkins foi orador de uma palestra promovida pelo Centro de Estudos Africanos em parceria com o Conselho Superior de Comunicação Social. A palestra, subordinada ao tema "A cobertura mediática dos conflitos em África", é realizada tendo em vista a proximidade do período eleitoral autárquico, que terá lugar no próximo ano, assim como as legislativas e presidenciais de 2014.



Africanos devem ser mais proactivos para a mudança de mentalidade dos ocidentais sobre os conflitos em África



O impacto dos conflitos em África deve ser a razão da sua inserção nos órgãos de comunicação social ocidentais, como defendeu o professor Virgil Hawkins no Maputo